



Arte sobre foto de Jorge Maruta/USP Imagens

saramago

Apresentação

Memória, solidariedade e resistência em José Saramago

Em 18 de junho de 2020, completam-se dez anos da morte de José de Sousa Saramago (1922-2010). Desde então, uma porção de nós se sente um tanto órfã. Em parte, devido à ausência de uma voz alternativa ao que aí está; em parte, porque se tratava de um escritor que se tornou paradigmático em vida, capaz de amalgamar traços estéticos e questões éticas; hábil ao compor diálogos situados entre a digressão e a síntese; convincente, ao aproximar múltiplas formas de contestação e sensibilidade.

Em dezembro de 2019, Jurandir Renovato, editor da **Revista USP**, incumbiu-me de organizar um conjunto de textos sobre o escritor português. Nas semanas seguintes, convidei alguns colegas, cujo trabalho conhecia mais de perto. Graças ao talento e energia que a(os) caracteriza, no espaço de um mês eu contava com ensaios de múltiplas perspectivas, que versavam sobre variadas

obras de Saramago, pelas mãos de pesquisadores da Unifesp, da Unicamp e da USP.

Nas páginas seguintes, o leitor contará com a densa e necessária ponderação de Marcos Lopes em torno da crítica saramaguiana – orientada pela historiografia e/ou pela discussão sobre a chamada pós-modernidade –, promovida entre as décadas de 1980 e 1990. Acompanhará como se caracterizam, sentem e agem as personagens que compõem o universo de *História do cerco de Lisboa e Claraboia*, na apreciação fina de Maria Fernandes de Carvalho. Perceberá como o narrador de *Intermitências da morte* lida filosoficamente com a vida e a morte, em profícuo diálogo com Sêneca e Montaigne, como sugere o denso artigo de Marcelo Lachat. Notará como se estabelece a compaixão do narrador pelos animais, em particular os bois de carga figurados no *Memorial do convento*, como revela a leitura sensível de Jaime Bertoluci. Será convidado a “reparar e ver” como as mínimas e máximas formas de poder são negociadas e representadas ironicamente no *Ensaio sobre a lucidez*. Acompanhará parte do cotidiano

de Saramago, pelas ruas e cafés de Lisboa, na jornada conduzida por Marcello Rollemberg, em diálogo (inérito) com o escritor.

Sou muito grato à(aos) autora(es), bem como à equipe da **Revista USP**, pela confiança no projeto e, em especial, pela oportunidade de reunir importantes palavras sobre o notável artífice e contestador que foi José Saramago. Para além de celebrar a

efeméride, essa reunião de leitores propõe outros modos de ver, perceber e sentir literatura, política e história, num momento em que parte dentre nós persiste em assinalar modos de se distinguir em relação às outras e outros, como se este fosse o sentido único e o propósito maior da existência.

Jean Pierre Chauvin